

INFÂNCIAS, GÊNERO E DIREITOS HUMANOS EM FILMES DE ANIMAÇÃO FEITOS POR CRIANÇAS NO BRASIL E EM PORTUGAL

Maria Eduarda Ratier¹
Letícia de Oliveira Gonçalves²
Sofia Lísias de Lacerda Cardoso³
Constantina Xavier Filha⁴

Eixo 4 – Práticas educativas em espaços escolares e não escolares

Resumo: O trabalho analisa três planos de trabalho de iniciação científica que discutem, respectivamente: infâncias, gênero e direitos humanos. Os planos integram a pesquisa mais ampla intitulada “Fazer Cinema Brincando: encontros-experiências, subjetivações, ética e estética ao produzir filmes com crianças no Brasil e em Portugal”. Foram selecionados filmes de animação produzidos em projetos educativos nos dois países. As análises demonstram a potência de se produzir filmes com crianças, destacando seus protagonismos de contarem histórias sobre assuntos que dizem respeito às suas vidas. Os filmes também podem ser utilizados como recursos pedagógicos para outras crianças da educação básica visando problematizar e discutir sobre as temáticas priorizadas nos nossos estudos.

Palavras-chave: Infância; Criança; Gênero; Direitos Humanos; Etnografia de tela.

Introdução

O trabalho analisa três Planos de Trabalho de Iniciação Científica: “Fazer cinema brincando: memórias e trajetórias do projeto de extensão ‘Brincar de fazer cinema com crianças’ – nos anos de 2022 e 2023”; “Filmes de animação produzidos com crianças: gênero como marcador social”; e “Direitos humanos em filmes de animação produzidos com crianças”. Os planos integram a pesquisa mais ampla intitulada “Fazer Cinema Brincando: encontros-experiências, subjetivações, ética e estética ao produzir filmes com crianças no Brasil e em Portugal”, coordenada pela professora doutora Constantina Xavier Filha, orientadora dos três estudos de pesquisa de iniciação científica.

O objetivo deste artigo é analisar os referidos planos de trabalho e apresentar discussões desenvolvidas ao longo da pesquisa, centradas nos conceitos de criança e infância, gênero, direitos humanos e direitos humanos de crianças.

O artigo está organizado em quatro seções. Na primeira parte, discutimos o primeiro plano, que aborda a infância como núcleo central; na segunda, tratamos das questões de gênero em filmes realizados com crianças; e, na terceira, discutimos os direitos humanos. Em cada uma dessas seções, será analisado um filme produzido no Brasil e outro em Portugal, com base na temática em foco. Por fim, encerramos o trabalho com as considerações finais.

Os filmes foram selecionados a partir da produção dos sujeitos da pesquisa mais ampla que produzem filmes de animação com crianças no Brasil e em Portugal. Foram entrevistados/as professores/as-cineastas cujas entrevistas foram conduzidas pela professora Constantina Xavier Filha. As três orientandas, pesquisadoras de Iniciação Científica,

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e bolsista do CNPq. Integrante do Projeto Brincar de Fazer Cinema com Crianças (2023/2024).

² Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e bolsista da Fundect. Integrante do Projeto Brincar de Fazer Cinema com Crianças (2024).

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e bolsista do CNPq. Integrante do Projeto Brincar de Fazer Cinema com Crianças (2023/2024).

⁴ Professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atuando na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd. Orientadora dos planos de trabalho de iniciação científica.

transcreveram as entrevistas e delas foram selecionados três projetos de produção audiovisual com crianças: Anima Escola⁵, Projeto Brincar de Cinema com Crianças⁶ e Clia Anilupa⁷. Inicialmente foi feita uma pesquisa nas redes sociais para encontrar os filmes produzidos. Posteriormente os filmes foram selecionados a partir dos títulos e sinopses, posteriormente escolhidos os relacionados às temáticas de cada pesquisa. Em seguida, realizamos a metodologia de análise fílmica, elaborando uma ficha de análise que incluía dados de identificação, informações pertinentes a cada temática e, por fim, a descrição de cenas significativas para a investigação. Os filmes foram assistidos inicialmente para testagem da eficácia das fichas. Após ajustes, preenchemos as fichas definitivas e, então, demos início à análise, acompanhada de diversas leituras e reuniões de estudos e planejamento ao longo de todo o processo.

A seguir, apresentamos as questões conceituais de cada temática e a análise dos filmes selecionados do Brasil e de Portugal.

A infância nos filmes de animação com crianças no Brasil e em Portugal

Para a discussão sobre infância nos filmes produzidos por crianças, entendemos que é importante ressaltar este conceito. A infância é um período cheio de experiências únicas, de descobertas, brincadeiras, aprendizados e convivências que deixam marcas importantes na nossa trajetória. Segundo Qvortrup (2010, p. 635), “[...] em termos estruturais, a infância não tem começo e um fim temporais, e não pode, portanto, ser compreendida de maneira periódica”.

É importante entender que infância e criança são conceitos diferentes, embora estejam bastante ligados. A criança é o indivíduo, o ser humano em sua fase inicial de desenvolvimento, com características próprias dessa etapa. Já a infância é um conceito mais amplo, que envolve tudo o que essa fase representa, incluindo aspectos culturais, sociais e históricos. Ou seja, a infância é uma construção social, que pode se manifestar de maneiras diferentes dependendo do lugar, do tempo e das condições em que a criança vive. Enquanto a criança é o “quem”, a infância diz respeito ao “como se vive” esse momento da vida.

Por muito tempo, a sociedade via a infância só como uma etapa de preparação para se tornar um/a adulto/a “de verdade”, como se fosse um ensaio do que viria depois. Mas estudos mais recentes, especialmente da Sociologia da Infância, mostram que esse período é muito mais do que isso, ele faz parte da estrutura da sociedade. Ou seja, as crianças não devem ser vistas como seres incompletos, mas como indivíduos com direitos, com voz e capazes de participar e agir para transformar o mundo ao seu redor.

Na pesquisa de iniciação científica buscamos analisar a infância em filmes de animação feitos com crianças. Nesses filmes, é comum perceber temas que refletem o cotidiano das crianças sobre brincadeiras, seus medos, sonhos e a forma como compreendem o mundo. A animação, com sua linguagem lúdica, torna-se uma ferramenta poderosa para que as crianças possam se expressar porque elas se tornam protagonistas e autoras de suas próprias histórias.

O filme de animação brasileiro “Sonho”, de 2012, foi produzido por uma professora que participava do projeto Anima Escola. O filme foi produzido a partir do poema “Sonho”, de

⁵ O Anima escola foi criado por Marcos Magalhães e foi um projeto do festival Anima Mundi que utilizava a animação como recurso pedagógico, tanto para discentes como para docentes.

⁶ É um projeto de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Faculdade de Educação, coordenado pela professora Tina Xavier. Os projetos iniciaram-se no ano de 2010 e são desenvolvidos com crianças e adolescentes, de idades entre 7 a 15 anos, estudantes do Ensino Fundamental, em escolas públicas na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Centro-Oeste do Brasil.

⁷ Centro Lúdico da Imagem Animada Anilupa, valência da Associação de Ludotecas do Porto, Portugal, é um equipamento lúdico, educativo e cultural, desenvolvido por Fernando Saraiva que produz filmes de animação com crianças, jovens e pessoas adultas.

Roseana Murray (2009), do livro *Poema de Céu*. Nesse filme as crianças contam e narram o poema de uma forma lúdica com desenhos.

O início do filme começa com a tela escura e com trilha sonora de um piano tocando, que cria uma atmosfera de que vai iniciar a história. Logo aparecem três personagens e a voz de uma criança narrando o filme. A criança começa dizendo que um dia a humanidade acordou e era tudo diferente, não existiam mais bombas atômicas e todos falavam a mesma língua, declamavam poesia, não existiam conflitos no planeta todo.

Na primeira cena do filme as crianças começam a narrar sobre como é o “Sonho”, e como seria o planeta onírico, um planeta sem armas, com um idioma comum, com celebração da poesia, com tecnologias limpas e manifestações esportivas pacíficas, reforçando o anseio das crianças por um futuro melhor.

Na cena seguinte aparecem duas crianças repórteres apresentando um jornal televisivo. Neste noticiário, elas descrevem como seria viver em um lugar onde não existissem carros poluentes, com pessoas que se importassem umas com as outras, onde não haveria guerras nem conflitos porque todos os seres humanos entenderiam que preservar o planeta é também preservar a vida em comunidade.

No referido filme o mundo ideal não há conflito, porque a consciência coletiva e o amor ao/a próximo/a fazem com que todos/as colaborassem para manter o planeta limpo, colorido e saudável.

O segundo filme tem o mesmo nome do filme brasileiro, “O Sonho”, de 2024, do Anilupa, produzido em Portugal. Tudo começa com um sonho de uma criança que nos leva numa “viagem” para explorar dois mundos, o primeiro mundo é cinza e o segundo mundo é colorido, que existem lado a lado e que são completamente diferentes em relação às regras de preservação do planeta. O mundo cinza está destinado a acabar sendo destruído pelos seus/as habitantes. Do outro lado tem o mundo colorido que é preservado, representa um planeta em que os/as habitantes respeitam as regras de preservação, onde as pessoas vivem em harmonia com a natureza, cuidam dos recursos naturais e agem de forma sustentável. Já o mundo cinza, como já destacado, revela um cenário de destruição e desperdício, em que a exploração desordenada e a falta de consciência ecológica resultam em um destino de autodestruição.

Na primeira cena do filme uma criança se deita em sua cama e adormece, dando início a um sonho que a transporta para o ano de 2100, para dois planetas completamente diferentes. O mundo cinza é descrito como triste, cinzento e sujo, sem cores nem vida, um lugar onde não há alegria, pois falta cuidado com o meio ambiente. Em contrapartida, o mundo colorido é cheio de cores e vida, onde as pessoas demonstram personalidades vibrantes e se preocupam com a preservação da natureza. Esse planeta conta com a proteção de cinco guardiões/ãs: o da água, o da natureza, o dos animais, o do som e o da reciclagem.

O conflito do filme é narrado no roteiro em uma cena quando um menino vindo do mundo cinza adentra o mundo colorido. Acostumado com a sujeira e a poluição do seu planeta cinzento, ele acaba levando esses mesmos hábitos para o mundo colorido, começando a poluir aquele ambiente colorido e preservado.

Nessa cena do filme, os/as guardiões/ãs do mundo colorido percebem o que está acontecendo e logo se aproximam para conversar com o menino. Eles explicam a importância de cuidar da natureza, mostram como suas atitudes podem impactar todo o planeta e ensinam que preservar é uma responsabilidade de todos/as habitantes. Essa cena reforça a ideia de que a mudança de comportamento é possível quando há diálogo, participação e exemplos positivos. Assim, o personagem compreende que precisa mudar suas ações para transformar também o seu mundo cinza em um lugar melhor.

No final do filme, o menino retorna ao seu mundo cinza, ainda impressionado com tudo o que viveu. Ele conta para seus/as amigos/as que nem acreditam no que aconteceu. O menino

disse que esteve em um mundo colorido onde as ruas eram limpas, as casas eram coloridas e havia sol iluminando tudo. Ao perceber a diferença entre os dois mundos, o menino entende que é possível mudar a realidade em que vive. Então, ele reúne seus/as amigos/as e propõe que todos os seres daquele mundo mudassem suas atitudes para transformar o mundo cinza em um lugar melhor. Juntos/as, começam a limpar as ruas, organizar os espaços e cuidar do ambiente. À medida que cada pessoa faz sua parte, o mundo cinza vai ganhando cores, formas alegres e uma atmosfera de esperança. Assim, o filme mostra que pequenas e contínuas ações coletivas podem trazer grandes mudanças, tornando possível criar um futuro mais feliz e sustentável para todas as pessoas.

Pudemos observar que as temáticas se aproximam dos filmes nos dois países pesquisados. Assim, tanto no filme brasileiro “Sonho” (2012) quanto o português “O Sonho” (2024), há o protagonismo das crianças vivendo as suas infâncias em meio aos graves problemas ambientais que assolam o planeta. Quando as crianças são ouvidas, ideias se tornam sementes de esperança capazes de transformar realidades. As crianças com suas criatividade, nos lembram de que cuidar do planeta é uma possibilidade coletiva que começa em gestos simples. Como disse a ambientalista Greta Thunberg, “Nunca somos pequenas demais para fazer a diferença” (THUNBERG, 2018, tradução nossa). Que possamos aprender com elas a sonhar e agir, tornando cada comunidade um espaço mais justo, colorido e sustentável para as gerações presentes e futuras.

O Gênero nos filmes de animação com crianças no Brasil e em Portugal

Durante a nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de olhar com mais atenção para como o tema de gênero aparece nas histórias criadas por crianças. Antes de abordar os filmes analisados, é importante falarmos um pouco sobre o conceito de gênero.

Gênero é uma construção social, histórica e cultural que atravessa os modos de como nos identificamos, nos comportamos e nos relacionamos. Segundo Guacira Lopes Louro (1997), gênero não é algo natural ou fixo, mas sim aprendido e constantemente (re)construído nas interações sociais, especialmente a partir das normas e expectativas impostas pela sociedade. Para a autora, os corpos são marcados pelo gênero, mas isso não significa que existam apenas duas formas de vivê-lo (masculino e feminino), pois há uma multiplicidade de expressões e identidades de gênero possíveis.

Compreender o gênero como construção social significa também perceber as desigualdades que se produzem a partir dele, sobretudo desde a infância. Desde cedo, as crianças são inseridas em um mundo que define por meio de cores, brinquedos, roupas, comportamentos e até em histórias o que é “de menino” ou “de menina”, limitando suas possibilidades de ser e de agir no mundo. Essa perspectiva teórica de gênero nos ajuda a questionar sobre gênero nos filmes de animação e pensar como as crianças podem, por meio de suas criações, romper com essas normas.

Como explica Finco (2015), essas ideias sobre o que é ser menina ou menino aparece desde a primeira infância, tanto nas falas dos/as adultos/as quanto nos brinquedos, nas histórias, nos desenhos, nas roupas, entre outros espaços. E o problema disso é que, muitas vezes, essas ideias são muito limitantes e normalizantes, esperam que a menina seja delicada, quieta, cuidadosa, enquanto o menino deve ser corajoso, o aventureiro, o que enfrenta desafios. Sabemos que, na realidade, as coisas não são bem assim. Por isso, é importante refletir sobre gênero desde cedo, especialmente nas escolas.

A pesquisa de Iniciação Científica teve como objetivo analisar como essas ideias sobre o que é ser menina ou menino aparecem nos filmes de animação produzidos por crianças, tanto no Brasil como em Portugal. Para isso, utilizamos a metodologia de etnografia de tela.

Entendemos como etnografia de tela o que a autora Carmem Rial (2005) denomina como uma forma de observar os produtos audiovisuais como expressões culturais que comunicam modos de ver, sentir e estar no mundo. Essa metodologia nos permite interpretar os sentidos presentes nas imagens, narrativas e escolhas feitas pelas crianças nos roteiros e nas produções fílmicas, assim, podemos compreender como os temas como infâncias, gênero e direitos humanos são representados e ressignificados pelas próprias crianças.

O filme do Brasil que foi selecionado para análise foi “A Princesa Pantaneira”, produzido pelo Projeto Brincar de Fazer Cinema com Crianças, e, de Portugal, “O Lobo e a Menina Sem Medo”, do Projeto Anilupa. Ambos os filmes foram criados com crianças, o que enriquece ainda mais essa análise, pois nos mostra a perspectiva delas sobre o mundo e sobre as normas de gênero.

O filme “A Princesa Pantaneira” começa narrando uma história clássica dos contos de fadas: uma princesa em perigo, uma bruxa malvada e um “príncipe sem nome” que chega para salvá-la. Porém, essa narrativa logo é interrompida pelas próprias crianças narradoras, que dizem que essa história está “chata e comum”, e decidem criar algo novo. A partir desse momento, nasce a história da Princesa Pantaneira.

Camuela é uma princesa diferente das que costumamos ver nos contos de fadas clássicos. Ela vive no Pantanal, tem uma relação forte com os animais e com a natureza, e é descrita como “alegre, corajosa, valente, inteligente e esperta”. Seu bichinho de estimação é um jacaré chamado Godofredo, e sua melhor amiga é a capivara Sofia. O nome “Princesa Pantaneira” é justamente uma homenagem ao território e à fauna do lugar onde ela vive, e quem a homenageou com esse nome foram os animais daquele reino.

O enredo ganha ação de conflito a ser resolvido no roteiro do filme, quando Camuela escuta alguém pedindo socorro, sem hesitar, ela se prepara, pega sua mochila e junta comidas típicas da região para levar em sua viagem. Ela coloca chipa, sopa paraguaia, tereré e também sua poção mágica de guavira, fruta típica do cerrado. Com isso, se transforma na Super Princesa Pantaneira (SPP). Mesmo sentindo medo de vez em quando, ela segue em frente e descobre que quem está em perigo é o príncipe João Pedro, preso no alto de uma torre do castelo por um bruxo malvado. Os animais da floresta também foram enfeitiçados e transformados em monstros. A Princesa Pantaneira enfrenta os desafios, salva o príncipe com sua poção e o leva de volta para o reino.

No final, mais uma vez as crianças narradoras aparecem discutindo se deveria haver um “beijo dos pombinhos” para finalizar a narrativa fílmica. Uma delas diz que não precisa de beijo para ter um final feliz e, nesse momento, a própria Princesa Pantaneira aparece e interrompe dizendo que há muitos outros príncipes e princesas a serem salvos/as. Essa fala reforça o protagonismo ativo da personagem e questiona a ideia de que a realização feminina precisa estar ligada ao amor romântico.

A ausência de um conflito centrado na fragilidade da personagem feminina e a inversão dos papéis tradicionais (com a princesa salvando o príncipe) tornam esse filme muito rico para pensar o gênero na infância. Aqui, a menina não espera ser salva, ela toma iniciativa, se prepara, enfrenta os obstáculos e resolve os problemas. Isso dialoga diretamente com as reflexões de Salgado (2012), que mostra como é possível romper com a imagem da “menina meiga” e construir representações mais potentes e diversas da infância feminina.

O segundo filme analisado foi “O Lobo e a Menina Sem Medo”, do Projeto Anilupa, produzido em Portugal. Diferente do primeiro, esse filme não tem narração nem diálogos, a história é contada apenas com sons e imagens, o que deixa a narrativa bastante instigante para quem está assistindo ao filme.

Logo no início, ouvimos o uivo de um lobo e vemos os moradores da cidade, todos/as adultos/as, correndo para dentro de casa com medo, fechando portas e janelas. Mas, no meio

disso tudo, uma menina se destaca, em vez de se esconder como todas as outras pessoas, ela sai de casa com um pedaço de pau na mão e vai até a casa de seus amigos e amigas. Ela toma a frente da situação e lidera o grupo rumo à floresta, onde o lobo está escondido. Os meninos que a acompanham demonstram receio, andando atrás dela e dependendo da sua iniciativa e coragem.

Quando chegam à caverna onde o lobo está, a menina entra primeiro, encontra o animal encolhido no canto, com olhar triste, e percebe que ele não representa ameaça, ela então abaixa o pau que levava para se proteger e se aproxima com calma, fazendo um carinho no lobo. Os amigos que a acompanhava estavam com medo logo atrás, também se aproximam, e a cena final mostra às crianças abraçando o animal. A frase que encerra o filme é “Nem tudo é o que parece”, o que reforça a ideia de que o medo pode ser enfrentado com coragem e empatia, e que nem sempre o “monstro” é realmente perigoso.

A forma como o gênero é trabalhado nesse filme é bastante significativa. A menina é corajosa, protagonista e mostra uma liderança que normalmente não é atribuída às personagens femininas em histórias infantis. Já os meninos ocupam um lugar mais secundário, sendo protegidos por ela. Como explica Santos (2017), quando damos espaço para que as crianças vivenciem diferentes formas de ser menina ou menino, rompemos com padrões e abrimos espaço para novas representações.

As personagens femininas dos dois filmes não são simplesmente a imagem de heroínas com poderes mágicos ou armas, suas forças estão em enfrentar o medo com coragem e sensibilidade ao mesmo tempo. Isso nos ajuda a refletir que o heroísmo feminino não precisa seguir o modelo masculino da força física ou da violência.

Assim como no primeiro filme, aqui também temos crianças que imaginaram uma protagonista feminina forte e sensível ao mesmo tempo. E isso, já nos mostra que elas estão repensando e desconstruindo as normas de gênero e propondo novas formas de contar e viver histórias.

Os direitos humanos em filmes de animação com crianças no Brasil e em Portugal

Inicialmente é importante destacar o conceito de direitos humanos, pois nos últimos anos no Brasil, o mesmo foi relacionado a narrativas que o desqualificavam e foi, até mesmo, amplamente atacado, levando assim uma onda de desinformação sobre esse assunto.

De acordo com a UNICEF os direitos humanos “são normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos” independente da raça, cor, gênero, origem, religião ou qualquer outro marcador social. Além disso a UNICEF também traz alguns pontos a se destacar dos direitos humanos, como a universalidade, a ideia de que todos os direitos possuem a mesma importância, ou seja, nenhum é mais importante que o outro, a interdependência que eles possuem, em que um direito só pode ser garantido se o outro também for exercido.

Assim, todo ser humano deveria exercer a cidadania para conhecer e exigir seus direitos e lutar por eles. Com isso, observa-se a importância de aprender desde cedo sobre nossos direitos, o que traz a ideia da Educação em Direitos Humanos (EDH).

Araújo e Afonso (2018) defendem que a escola é um “local privilegiado para o desenvolvimento de uma consciência cidadã e de capacidades para a participação social, apoiadas na dignidade humana, no respeito, no diálogo e na solidariedade”, com isso vemos que a escola é o espaço propício para a EDH, que visa não apenas ser realizada em um único dia, mas que seja uma prática constante e sistemática no currículo escolar das crianças na educação básica.

Na pesquisa de Iniciação Científica buscamos analisar os direitos humanos em filmes de animação produzidos com criança no Brasil e em Portugal. Ao realizar essa análise

defendemos que o audiovisual é um material pedagógico importante para a discussão de temáticas que tenham relação com a vida das crianças.

O filme brasileiro “Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica”, de 2013, do Projeto Brincar de Fazer Cinema com Crianças, narra a existência de Etnilda e Etevaldo, dois extraterrestres, que são convidados/as por Lila e Luís para conhecerem Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, no planeta Terra. Nesta visita aprendem mais sobre os direitos das crianças bem como a violação deles.

Ao início do filme são apresentados/as os/as personagens Etevaldo e Etnilda, dois extraterrestres de pele verde e cabelos azuis. Recebem um convite, por meio de um *tablet*, de Lila e Luís, duas crianças humanas de pele clara e cabelos castanhos, para conhecer o planeta Terra, mais especificamente a cidade de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Ele e ela aceitam o convite e saem com sua nave em rumo ao planeta Terra. Na trajetória da viagem passam com sua nave por diversas cidades brasileiras, até chegar em Campo Grande. Ao chegar ao destino final, encontram Luís e Lila e fazem um passeio por toda Campo Grande tirando várias fotos.

O conflito no roteiro do filme ocorre quando eles conhecem as violações de direitos humanos das crianças, que no filme é representado por um quadro com fotos tiradas por eles/elas, no passeio que fizeram pela cidade. Nesse momento, Luís e Lila começam a contar que a cidade tem muitos lugares bonitos e que existem crianças que são muito amadas e protegidas. Assim começam a citar os direitos que as crianças possuem como brincar, ter alimentação, estudar, ter saúde, moradia, proteção e ter um nome e uma nacionalidade. Acompanhada pelo áudio que vai narrando os direitos, aparecem as fotos de crianças usufruindo dos mesmos.

Nesta cena do filme as crianças que a produziram tiveram que aprender sobre seus direitos para falar sobre eles e isso é de extrema importância para a efetivação da educação em direitos humanos. Tina Xavier, criadora e coordenadora do projeto escreveu no texto “Violências e direitos humanos em pesquisa com crianças” como foi a etapa de encontros com a turma antes da produção do filme. A autora defende que as crianças “[...] são sujeitos pensantes e produtores de saberes sobre os temas estudados” (2015, p. 1573), quais sejam, gênero e violência contra crianças, que se articulam a temática dos direitos humanos. Assim as crianças entendem que têm direitos e que podem exigí-los.

Após a descrição dos direitos humanos das crianças que são efetivados, começa uma outra narrativa no filme, a da violação desses direitos. Acompanhado por uma trilha sonora de suspense e que evoca tristeza, o filme exhibe uma lista de direitos violados. Citaram diversos tipos de violências como abandono, violência psicológica e sexual, falta de carinho e cuidado que se expressa na negligência, dentre outras violações que ocorrem com as crianças como vítimas.

Nem sempre as temáticas apresentadas pelo filme são trabalhadas na escola. Evitam-se falar do assunto alegando que as crianças não estão preparadas para essa discussão e estudo. Porém, percebemos que a linguagem do filme propõe um diálogo franco para ser realizado com as crianças, especialmente, quando se fala sobre dignidade, respeito. Observamos que o filme instiga a reflexões, espaço para escuta e de debate coletivo, nele podemos perceber que as crianças são seres pensantes e que são capazes, sim, de compreender o que está sendo dito e de entender sobre seus direitos e exigí-los. Xavier Filha defende que é necessário criar “[...] condições para as crianças pensarem a respeito, dialogar sem medo de repreensões ou represálias, ou seja, foram oferecidos espaços livres para pensar sobre e falar de assuntos que estão profundamente presentes em suas vidas” (2015, p. 1573).

Com isso se cria um espaço pedagógico para as crianças entenderem sobre seus direitos e assim exigirem que eles sejam, efetivados, assim como ocorre ao final do filme em que Lila,

Luís, Etvaldo e Etnilda chamam diversas crianças por meio de uma rede social para irem para as ruas lutar por seus direitos, assim surge um cenário de rua e diversas crianças começam a surgir segurando cartazes que trazem mensagens como: “Queremos nossos direitos de ser criança”, “Vem pra rua”, “Criança tem direitos”, “Acabe com a violência” e “Crianças unidas jamais serão vencidas”. Também é possível ouvir as crianças gritando essas mesmas frases.

O segundo filme “Os direitos da criança” é um filme português, de 2014, realizado por crianças de 9 a 12 anos, produzido pelo CLIA Anilupa. O filme se inicia citando a Convenção dos Direitos da Criança de 1989, e logo após, as crianças fazem uma reflexão sobre alguns direitos que foram definidos nesta convenção, como liberdade de expressão, respeito às religiões e culturas, direito à educação, ao lazer, à saúde, ao nome, à família e à proteção contra o trabalho infantil.

Tiveram duas frases que queremos destacar do filme, a primeira ocorre em uma cena em que aparecem diversas mãos de crianças formando um círculo e no meio delas surge o desenho de um mapa-múndi em formato de coração, enquanto isso uma criança narra que: “Todos os governos dos países do mundo são responsáveis ou têm o dever por fazer com que os direitos da criança sejam cumpridos”.

É importante destacar sobre a narrativa do filme para que as crianças possam entender que é dever do Estado garantir que os direitos humanos sejam efetivados e que além disso deve ter a participação cidadã de todas as pessoas para exigirem que os direitos sejam garantidos, inclusive e sobretudo, das crianças como protagonistas dessa ação cidadã. Além disso, as pessoas adultas ao seu redor também possuem o dever de garantir que os direitos das crianças sejam atendidos. A escola é o espaço em que as crianças passam maior parte do seu dia, então por meio de conversas e com a discussão e visualização do audiovisual, é possível o entendimento sobre os direitos das crianças e se algum dos seus direitos estão sendo violados, e caso haja suspeita ou confirmação, o caso deverá ser encaminhado para o conselho tutelar. Com isso, devemos estar sempre atentos/as aos sinais que as crianças dão. Como dito por Xavier Filha (2015, p. 1579):

Falar sobre esses assuntos, pensar com as crianças sobre formas de elas próprias buscarem ajuda, de se protegerem, são possibilidades que mais recentemente vêm ganhando espaço e se tornando palpáveis em pesquisas e práticas pedagógicas no Brasil e no exterior. Essas práticas, evidentemente, não podem prescindir da função do adulto, independentemente de quem quer que seja, que deve assumir o papel de velar pelos direitos das crianças.

A autora é enfática em dizer que a pessoa adulta tem um papel fundamental em garantir que os direitos das crianças não sejam violados, mas também ressalta que as crianças podem buscar ajuda em situação de violação de seus direitos.

Na continuidade da análise e discussão do filme realizado em Portugal, as crianças falam do direito ao estudo e como elas são privilegiadas pois em Portugal elas podem estudar, ter uma boa educação. As crianças estão afirmando a necessidade de garantir um direito fundamental que é o da educação escolar. No entanto, em seguida a frase que garante esse direito, ouvimos a seguinte complementação: “para um dia sermos alguém na vida”. Essa fala contradiz a ideia da criança na vivência de sua infância hoje e não para depois, ou seja, ela é alguém na vida como criança, ela deve ser considerada como cidadã com direitos e deveres, assim já sendo “alguém na vida”, aspecto preconizado pela educação em direitos humanos.

Na análise dos dois filmes percebemos como os direitos humanos são fundamentais para a discussão com e para as crianças. Na análise, pudemos perceber a potência do audiovisual na educação, especialmente no processo de produção do filme com e para as crianças.

Considerações Finais

Ao longo das nossas pesquisas, percebemos o quanto as crianças têm a dizer quando encontram um espaço seguro para criar, imaginar e se expressar com liberdade. A análise dos filmes de animação feitos por elas, no Brasil e em Portugal, mostrou que temas como infância, gênero e direitos humanos aparecem nas histórias de forma sensível, criativa, reflexiva e, muitas vezes, problematizadora de vivências das infâncias nos dois países.

Com o uso da etnografia de tela, conseguimos observar os detalhes dessas produções e entender como a infância é um tempo de descobertas, mas também de questionamentos. Nos filmes, as crianças não só criam personagens, como também ressignificam formas de existir e mostram outras formas possíveis de viver e de ser cidadã na escola e fora dela.

Referências

- ARAÚJO, Aline Soares Storch de; AFONSO, Maria Lúcia Miranda. A educação em direitos humanos na educação infantil: formação de sujeitos de direitos. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 46-60, jan./abr. 2018.
- CARVALHO, Patrícia Dyonisio de; LEAL, Rayane Ancelmo; DAL'LGNA, Maria Cláudia. Etnografia de tela: uma metodologia potente para pesquisas em educação. **Revista Amazônica**, Manaus, vol. 10, n 1, p. 01-19, 2025.
- FINCO, Daniela. Questões de gênero na educação da pequena infância brasileira. **Studi Sulla Form**, v. 18, n. 1, p. 47-57, 2015. DOI: https://doi.org/10.13128/Studi_Formaz-17329
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010. Tradução de Giuliana Rodrigues, com revisão técnica de Maria Letícia B. P. Nascimento.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MURRAY, Roseana. **Poema do céu**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- RIAL, Carmen Silvia. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. (orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.
- SALGADO, Regina Gonçalves. Da menina meiga à heroína superpoderosa: infância, gênero e poder nas cenas da ficção e da vida. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 32, n. 86, p. 117-136, jan./abr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000100008>
- SANTOS, Silvana Vanessa Silva. Socialização de gênero na educação infantil: continuidades e rupturas vivenciadas pelas crianças na família, na igreja e na escola. **Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 3, p. 731-750, set./dez. 2017. <https://doi.org/10.5902/1984644428325>
- THUNBERG, Greta. I've learned you are never too small to make a difference. **TEDxStockholm**, nov. 2018. Disponível em: https://www.ted.com/talks/greta_thunberg_the_disarming_case_to_act_right_now_on_climat e (ou o link oficial). Acesso em 15 jul. 2025.

UNICEF. **O que são direitos humanos?** Brasília, DF: UNICEF, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/o-que-sao-direitos-humanos>. Acesso em: 29 jul. 2025.

XAVIER FILHA, Constantina. Violências e direitos humanos em pesquisas com crianças. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1569-1583, 2015.